

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Comunicação

BOA MORTE
A Festa da Irmandade

Liz Bomfim Nunes

Orientador: Oldemar Vítor

Salvador, 1996

BOA MORTE
A Festa da Irmandade

Audiovisual apresentado
à Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal da Bahia
como Projeto Experimental para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social, com
habilitação em jornalismo.

Concluinte: Liz Nunes
Orientador: Oldemar Vítor

Salvador, dezembro de 1996

AGRADECIMENTOS

À Talita.

Às irmãs da Boa Morte da cidade de Cachoeira, Bahia.

E aos mestres da fotografia documental cujos trabalhos apontam a importância de colocar na mesma sintonia o olho, a razão e a emoção.

SUMÁRIO

Apresentação

Objetivos

Memorial

Referências Bibliográficas

Outras Fontes

Anexos:

Ficha Técnica

Estrutura do Audiovisual

APRESENTAÇÃO

O tráfico negreiro para a nova colônia portuguesa é intenso a partir da instalação dos primeiros engenhos de açúcar. Os povos africanos trazidos ao Brasil podem ser divididos em duas grandes categorias: os negros bantus e os negros sudaneses¹. Na Bahia, entraram os negros *fúlas* e os negros *mandês* (*mandingas*), carregados de forte influência muçulmana. Mas a grande maioria dos africanos traficados para a lavoura baiana foi de sudaneses, originários da África Ocidental. Sudaneses eram os *nagôs* (*yorubás*), os *gêges*, os *haüssás*, os *bornús*, entre outros².

Aqui, os negros se viram forçados a negar suas divindades, os *orixás*. Logo que chegavam ao Brasil, eram catequisados, isto é, instruídos na religião católica. Os escravos eram obrigados a aceitar o cristianismo, mas às escondidas honravam suas divindades. Oravam em suas línguas para os seus deuses, fingindo cultuar os santos da Igreja Católica. Para disfarçar suas crenças tradicionais, os negros criavam uma fachada que escondia seus rituais secretos.

“Para poder subsistir durante todo o período escravista os deuses negros foram obrigados a se dissimular por trás da figura de um santo ou de uma virgem católica. Esse foi o ponto de partida do casamento entre o cristianismo e a religião africana em que, como em todas as uniões, as duas partes deviam igualmente mudar, de forma profunda, para se adaptar uma a outra” (Bastide, 1971: 359).

No século XVIII, a Bahia conheceu um número grande de confrarias, que tinham finalidades religiosas, ou sociais, ou ainda mistas. Recebiam da Igreja a responsabilidade sobre obras sociais e filantrópicas. Esse sistema foi implantado com o objetivo de propagação da filosofia cristã. Através destas confrarias, criava-se uma organização que, além de assegurar os valores dogmáticos e morais da Igreja, se estendesse como centro de assistência social filantrópica³.

As irmandades de cor tiveram, além disso, um papel disciplinador, canalizando as aspirações do negro para as atividades lúdicas, representadas na participação em

¹CARNEIRO, Edson: **Religiões Negras**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.

²CARNEIRO, E.: Op cit.

³NASCIMENTO, Luiz C. e ISIDORO, Cristiana: **A Boa Morte em Cachoeira**. Cachoeira, CEPASC, 1988.

festas religiosas e nas procissões. Para o negro, por sua vez, fazer parte de uma irmandade era um meio de participar da sociedade, de adquirir um *status* social, tentando, ao ser admitido como católico, reduzir a distância que o regime lhe impunha⁴.

“O negro no Brasil soube, desde muito cedo (...), estabelecer bases seguras para que se efetivasse sua integração; a religião foi o único canal permitido pelo colonizador que lhe dava condições de participar da vida social e, em consequência, projetar-se na sociedade. As irmandades de cor, dependentes da orientação da Igreja, foram apoiadas pelo branco, que via nelas uma forma adequada de controle das aspirações da população negra” (Braga, 1987: 10).

As Irmandades brasileiras, no século XIX, ampliam o seu universo de atuação, consolidando o seu propósito político-social. Vinculadas à tradição medieval das confrarias de finalidade religiosa e caritativa, davam muito mais importância às categorias raciais e sociais, não se integrando em finalidade profissional, até porque o sistema escravista não favorecia o florescimento de profissões exercidas, em geral, por homens livres⁵. As irmandades uniram finalidades protetoras a religiosas, exercendo importante papel social. Verdadeiras sociedades de auxílio mútuo, reunindo homens de igual categoria, as associações de negros, além da proteção garantida aos seus membros, permitiam que os escravos se reunissem, dando vazão às tendências gregárias ou lúdicas, tendo assim um papel importante na integração⁶.

Além da socialização, às irmandades de cor coube a responsabilidade da parte festiva do catolicismo brasileiro e, portanto, através delas, o negro imprimiu aos cultos católicos certas características africanas, pela introdução de grande número de traços da sua religião⁷.

O sincretismo, presente em quase todas as manifestações religiosas dentro da cultura baiana, é refletido de forma expressiva numa tradição que alia elementos da religião afro-brasileira, especialmente do candomblé, aos de uma antiga festividade cristã, a Assunção de Nossa Senhora. Essa tradição é mantida, na Bahia, por uma confraria singular, a Irmandade da Boa Morte, formada exclusivamente por mulheres negras, com idade acima de 40 anos, isto porque,

“(...) já velhas, viúvas ou sem nenhum outro interesse material, diria sexual, podem consagrar com maior força sua devoção de Irmãs, como em verdadeiro voto casto de religiosidade” (Lody, 1981: 10)

Tão misteriosas quanto os rituais fechados praticados pelas integrantes da Irmandade são as suas origens. A devoção começou no início do século XIX, na Igreja

⁴BRAGA, Júlio S.: **Sociedade Protetora dos Desvalidos. Uma Irmandade de Cor**. Salvador, Edições Ianamã, 1987.

⁵SCARANO, Julita: **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII**. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1975.

⁶SCARANO, J.: Op. cit.

⁷BRAGA, J.: Op cit.

da Barroquinha, igreja conhecida como de devoção de pessoas ligadas ao Candomblé. Consta que membros desse grupo seriam os responsáveis pela criação de alguns dos principais terreiros de Candomblé da Bahia, o que sugere a existência de um tronco comum entre a Irmandade e diversas casas de santo das nações Ketu e Gêge.

A Irmandade da Boa Morte

“(...) foi criada por africanas alforridas de ‘nação-Ketu’ devotas de Nossa Senhora da Boa Morte, cuja procissão anual era realizada pela Irmandade de Nosso Senhor dos Martírios da Baixa dos Sapateiros, ou das Portas do Carmo, de Salvador. Com a transferência dessa irmandade para a igreja da Barroquinha, este ‘corpus’ feminino se estruturou finalmente numa organização religiosa” (Nascimento, 1988: 16).

Do lado católico, a organização seguia a estrutura dos cultos a Nossa Senhora D’Agosto, prática religiosa da tradição portuguesa que não sobreviveu por completo no Brasil⁸. A devoção a Nossa Senhora D’Agosto teve lugar em várias igrejas de Salvador, sendo sua procissão realizada pela Irmandade de Nossa Senhora das Angústias da Igreja Abacial dos Monges Negros de São Bento, em Salvador⁹.

No início, apenas escravas libertas ou descendentes diretas de escravas faziam parte da Irmandade da Boa Morte, que tinha como objetivo levantar fundos para a compra de cartas de alforria e cuidava de dar proteção e encaminhamento aos escravos fugidos.

Acredita-se que algumas Irmãs teriam se deslocado desse grupo da Barroquinha para a cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, no início deste século, recriando a Irmandade naquela cidade. Vale ressaltar a contribuição dada pela facilidade de comunicação entre Salvador e Cachoeira com a implantação, em 1817, da navegação a vapor. Desse intercâmbio surgem as confrarias e irmandades religiosas que até o século XVIII não existiam em Cachoeira, até porque a população africana na cidade, à época, era relativamente pequena¹⁰.

Sociedade fechada e feminina, fiel zeladora das tradições africanas, a Irmandade da Boa Morte de Cachoeira ainda guarda os traços fortes de sua origem. Suas integrantes herdaram das ancestrais o compromisso de louvar Nossa Senhora, em agradecimento ao fim da escravidão. Celebrado desde os primórdios do movimento abolicionista, o ritual de fé acontece há mais de duzentos anos, mostrando a resistência heróica dos descendentes dos escravos. A tradição, secular, é uma das mais representativas manifestações remanescentes da escravidão na Bahia.

“A participação restrita de mulheres, os cargos galgados no decorrer de uma participação intensa na

⁸LODY, Raul: **Devoção e Culto a Nossa Senhora da Boa Morte**. Rio de Janeiro, Altiva, 1981. p. 10.

⁹NASCIMENTO, L.: Op. cit.

¹⁰NASCIMENTO, L.: Op. cit.

Irmadade dão ao grupo uma organização formal, voltando-se sempre ao rigor e devoção a Nossa Senhora, patrona e santa que norteia o grupo e a vida de todas as Irmãs” (Lody, 1981: 6-7)

O culto é uma devoção doméstica, diária, e que tem seu destaque público, todos os anos, nos festejos do mês de agosto, quando a cidade de Cachoeira chega a receber um número de visitantes equivalente ao dobro do número de seus moradores. Eles vêm apreciar e conhecer a beleza do sincretismo religioso, numa bonita manifestação de fé e de alegria popular.

O culto em louvor à Nossa Senhora da Boa Morte é um forte símbolo da religiosidade negra baiana e representa a reconstrução do conceito que as civilizações africanas têm da morte, adaptada ao conceito cristão. Para as civilizações africanas os mortos e os vivos constituem uma só comunidade¹¹, e a morte é considerada como uma passagem para um estágio superior. As confrarias seriam uma das formas de continuação da comunicação entre os dois mundos, que mantêm entre si diálogo e ajuda mútua, visando o bem comum de uns e outros¹².

Cada evento da programação tem significado especial nas homenagens à Nossa Senhora da Boa Morte que se tornou o culto dos sofridos, dos discriminados, dos que não tinham lugar nos tradicionais festejos em louvor a Virgem do Rosário. Daí a introdução de elementos que não fazem parte dos rituais católicos, elementos que se mostram desde a formação religiosa das irmãs, todas praticantes dos preceitos do candomblé.

“Os vínculos do grupo de irmãs estão muito mais assentados numa consaguinidade e numa postura sócio-hierárquica dos terreiros de Candomblé que existem em Cachoeira e na vizinha São Félix e que mantêm entre si vínculos de ordem ética e moral” (Lody, 1981: 12).

OBJETIVOS

¹¹NASCIMENTO, L.: Op cit.

¹²NASCIMENTO, L.: Op cit.

A realização do presente audiovisual teve por motivação principal capturar as peculiaridades da festa, suas nuances e sutilezas, que apontam os traços mais relevantes sob a ótica de interesse jornalístico e estético. Por isso mesmo, a imagem que venha *re-presentar* o todo ritualístico da Boa Morte, o fervor religioso das integrantes da Irmandade e suas centenárias práticas se qualifica como a melhor documentação/interpretação da festa. A escolha por contar/observar os festejos populares da Boa Morte através de fragmentos - especificamente instantâneos fotográficos - se traduziu numa das mais pertinentes opções para apreender o significado da festa.

A partir destes flagrantes fotográficos o projeto enunciou seu próprio discurso, não se resumindo apenas a sua característica documental. O audiovisual estabelece uma interpretação pessoal e composição plástica dos instantâneos fotográficos, perseguindo o objetivo de oferecer um retrato jornalístico-estético da festa.

Entre os seus objetivos periféricos, o projeto proporcionou um intercâmbio com profissionais de cinema, fotografia, música e jornalismo; além de permitir - a partir de seu produto final (audiovisual) - a disponibilidade de um documental que se prestará a diversas exibições e apresentações, divulgando um produto da Universidade Federal da Bahia, que se debruça sobre uma das mais legítimas manifestações da cultura popular baiana

MEMORIAL

Pré-produção:

Neste primeiro momento, foi feita pesquisa de campo (visita à cidade de Cachoeira e entrevistas com membros da Irmandade da Boa Morte), além de levantamento e estudo de bibliografia referente à cultura e às festas populares e de publicações da área técnica, sobre prática de fotografia. Consultas a profissionais ligados à realização de imagens em cinema e audiovisual, bem como um levantamento de vídeos, recortes e todo o material já produzido sobre os festejos da Boa Morte, complementaram esta primeira etapa.

Compra de 30 bobinas de filme 135/24 para transparências coloridas (ISO 100, 400 e 1600), lente grande angular (24mm) e demais materiais e acessórios constituíram a “parte prática” desta etapa.

Produção - Primeira Fase:

A viagem para Cachoeira aconteceu no dia 15 de agosto de 1996, véspera do início dos rituais religiosos promovidos pela Irmandade. Durante três dias (16 a 18 de agosto), foram fotografadas três procissões, três cultos religiosos, movimentação nas ruas da cidade e também os eventos paralelos aos atos de fé. Ao todo, foram produzidos 600 fotogramas, que compõem o registro documental dos festejos religiosos da Boa Morte. Todo material foi produzido com uma máquina Canon, modelo AE-1 Program, lentes 24mm, f-2.8; zoom 35-105mm, f-3.5; flash Nikon, modelo SB-25. Filme kodachrome (135/24, ISO 100, 400 e 1600).

Os rituais católicos da festa da Boa Morte começaram na sexta-feira, dia 16 de agosto. No primeiro dia, as integrantes da confraria vestem suas saias brancas bordadas, com batas da mesma cor. Cobrem os cabelos com um torço, também branco, e transportam a imagem de Nossa Senhora, morta, pelas ruas da cidade. Dirigem-se à sede da Irmandade e, na capela, oram pelas irmãs já falecidas. Depois desse ritual, há a “ceia branca”, que simboliza um ato de confraternização que acontece entre as irmãs e seus convidados. Essa ceia está relacionada com a morte das irmãs. O uso de cores brancas nas vestes é explicado

“(...) pelo fato de o branco representar simbolicamente, diferente do que conceberíamos como fosse luto, a passagem do espírito de um plano material (o aiyê) para um plano espiritual (o orun), em suma, um (re)nascimento do ponto de vista teogônico do complexo religioso africano” (Nascimento, 1988: 31).

O trabalho deste primeiro dia foi prejudicado pelas coberturas televisivas, cujos focos de luz dificultaram o registro fotográfico, que precisou ser feito com auxílio do flash na maior parte do tempo, fugindo ao propósito inicial de manter fidelidade ao ambiente (cores, tons e texturas).

No segundo dia, sábado, as irmãs oram na capela, em volta do esquife de Nossa Senhora, o que simboliza uma missa de corpo presente. Estão todas de luto, trajadas com suas roupas pretas, impecáveis: bata rendada, saia preta plissada e pano da costa preto. Não usam jóias e nem deixam à mostra o veludo vermelho que forra uma das faces

do pano da costa com o qual cobrem os ombros. Em seguida, saem em procissão com velas acesas, transportando o esquife da santa. Na volta, recolhem-se. Há a vigília pela santa. Diferente da solenidade do primeiro dia,

“(...) em que o rito era dedicado à alma, ou espírito, ou Égún, portanto, um relacionamento transcendental com o outro plano, o orun, esta representa o sepultamento da carne na terra, no aiyê”
(Nascimento, 1988: 31-32)

Neste sábado, 17 de agosto de 1996, como havia muitas vestes negras e com a procissão acontecendo à noite, a principal dificuldade foi produzir bons fotogramas com uma lente zoom de abertura 3.5, que obrigava a trabalhar com velocidade abaixo de 1/60 segundos. Ainda assim, boa parte do material que pode ser visto no audiovisual foi captado neste dia, cujas cenas contrastando preto e branco, detalhes das vestes e arquitetura da igreja, permitiram belas composições. Cenas humanas expressivas de demonstração de fé e emotividade resultaram em ótimas imagens.

O último dia, domingo, simboliza para a Irmandade o dia da Assunção de Nossa Senhora, a Glória. Neste dia, tudo é cor e alegria. É o ponto alto da festa. É também o dia em que toma posse a nova diretoria da Irmandade. A capela é decorada com muitas flores, e o andor de Nossa Senhora também está enfeitado com flores naturais e coloridas. Acontece, pela manhã, uma missa solene. Depois, a procissão festiva da Assunção, em agradecimento ao Dia da Glória. A glória de nossa Senhora é louvada com foguetório, e as irmãs externam sua alegria com cânticos e flores. Estão vestidas a rigor e enfeitadas com muitas jóias. O lado vermelho do pano da costa à mostra sobre os ombros representa a felicidade com a glória. Após a volta da imagem à capela, o afoxé Filhos de Gandhi dá o tom da festa. E o lado profano continua com o samba de roda promovido pelas irmãs, que trocam a beca da festa por saias coloridas (trajes de crioula). Nesse dia, como manda a tradição, a Irmandade oferece um almoço (caruru) para os convidados.

Durante todo o cortejo deste domingo, dia 18 de agosto de 1996, a concorrência com a cobertura da imprensa dos mais variados pontos do país e do exterior, além da multidão de visitantes e turistas também portando máquinas fotográficas e filmadoras, tornou o registro um exercício de paciência e habilidade para viabilizar a cobertura sem interferir nos próprios rituais da irmandade. Da procissão foram feitas muitas imagens, já que a boa luz do dia, com céu encoberto por nuvens (poucas sombras e luz difusa), permitiu ótimos fotogramas neste que é o dia mais “disputado” das festividades da Boa Morte.

No final do dia, a festa termina para o público, mas as irmãs continuam na sede participando de obrigações secretas e rituais reservados de candomblé. O que impediu a realização de mais imagens.

De uma forma geral, o resultado foi muito bom, tanto ao que esteticamente fora programado, quanto à quantidade de cenas captadas. As dificuldades enfrentadas pelo grande número de visitantes e imprensa, bem como os problemas técnicos, eram previsíveis. Isto, aliado ao cuidado para não interferir nos rituais, se constituiu num desafio que com certeza fez somar experiência no exercício do fotojornalismo.

Produção - Segunda Fase:

Uma vez revelados os filmes, o trabalho passou a ser o de editar o material que poderia compor o audiovisual. Uma triagem preliminar, com o auxílio de um projetor de slides, foi realizada, a fim de separar o material utilizável do que estivesse fora dos propósitos do trabalho ou tecnicamente fora dos padrões de qualidade. Essa pré-edição resultou na eliminação de aproximadamente 200 fotogramas.

Numa fase posterior, na mesa de luz, deu-se início a elaboração de um roteiro de edição que resultou na escolha de 187 fotogramas editados em quatro “climas”: a procissão à noite, a missa, o velório e a procissão da assunção de Nossa Senhora. Esse roteiro de edição funcionou como uma limpeza, eliminando mais de 200 fotogramas. E a opção de ter a edição executada por outra pessoa se deu pela dificuldade que é, para quem fotografou, escolher os cromos que devem ser eliminados.

Em paralelo, conversas com músicos vinham acontecendo, com o intenção de criar uma trilha sonora original para o audiovisual que partisse do canto das próprias irmãs. Por fim, optou-se por utilizar músicas já gravadas, que não fizessem uma referência explícita à Irmandade da Boa Morte, mas que de certa forma remetesse os espectadores ao “clima” dos festejos acontecidos em Cachoeira. Deu-se início então à fase de pesquisa musical propriamente dita. Durante um mês foram ouvidas músicas de culturas diversas: música africana, música indígena, música árabe, etc.

Para o primeiro “clima” foi escolhido um trecho de um minuto e vinte segundos da música “Kaval Sviri”, cantada pelo grupo vocal búlgaro *Le Mystère des Voix Bulgares*. Essa música começa com uma voz principal à qual vão se somando outras vozes, formando um coro que lembra em muito a forma como os cânticos são entoados nas procissões do interior do Estado.

A parte sonora escolhida para as cenas que se passam dentro da Igreja é um trecho de um minuto e vinte e três segundos de uma música do compositor, pianista e regente alemão Felix Mendelssohn (1809-1847). A música “Mein Gott, Warum Hast du Mich Verlassen?”, op 78 nº 3, foi escolhida por ser uma peça “clássica” que remete ao universo religioso das missas cantadas.

As duas últimas músicas para os “climas” do velório e da procissão da assunção foram retirados do disco *African Sanctus*. São experiências realizadas em estúdio sob a regência de Owain Arwer Hughes. São músicas compostas sobre música africana captada pelo produtor David Fanshame, no ano de 1966, em mais de 50 tribos da Arábia e Áfricas do Norte e Oriental. Essas músicas foram escolhidas pela origem africana, também comum à Irmandade.

“Kyrie”, música que acompanha as cenas do velório, é um trabalho de estúdio sobre um chamado à oração do Cairo, Egito. Foi escolhido um trecho de um minuto desse lamento que forma uma unidade muito bonita com as imagens mais “pesadas” do velório de Nossa Senhora. Essas imagens inclusive têm uma coloração amarelada, tentando reproduzir a ambiência de iluminação de velas.

Para compor a banda sonora da seqüência da procissão de dia, foi selecionado um trecho de dois minutos e dezessete segundos de “African Sanctus”, uma música composta em estúdio sobre música africana de dança Bwala dos guerreiros Acholi que lembra, ao mesmo tempo, os toques de candomblé e os cânticos da tradição cristã. Essa música cria um clima de festa e tem um ritmo mais acelerado, o que possibilita uma maior velocidade na apresentação das imagens e, conseqüentemente, a utilização de mais fotogramas.

Pós-produção:

As imagens, dispostas nas quatro seqüências, - e com as músicas já escolhidas - foram filmadas em vídeo (Super-VHS) para posterior edição em VHS pois havia a necessidade de deixar cópias do trabalho na Universidade Federal e a melhor maneira encontrada foi no formato vídeo. Foi feita a “minutagem” da fita da vídeo e esse “meio” resultou um grande auxiliar na pré visualização do trabalho. Através dele foi possível detectar alguns fotogramas em excesso que poderiam ser retirados sem prejuízo da obra. Nas “limpezas” subsequentes, das 187 imagens selecionadas, ficaram apenas 94 e mais as 14 cartelas de crédito.

A montagem das imagens com a banda sonora do produto, realizada num aparelho denominado Unidade Syncrotape (emprestado pelo Departamento de Imagem e Som da Fundação Cultural do Estado da Bahia), aconteceu em cinco dias. Este aparelho é composto de dois projetores que, ligados a um tape, funcionam alternadamente. A “entrada” das imagens é gravada no outro lado da fita magnética em que está registrada a trilha sonora. Depois de gravada, a própria fita é capaz de acionar os projetores na seqüência pré-estabelecida. Já a velocidade de fusão das imagens dos dois projetores é uma variante que precisa ser acionada manualmente durante o tempo da projeção.

O produto final ficou com a duração de seis minutos.

O problema mais grave surgido nessa fase foi a necessidade de realizar dois tipos de produto: um editado em vídeo e outro montado no syncrotape. Além disso, o produto final em vídeo não pôde ser concluído a tempo de ser apresentado à banca examinadora, devido a problemas técnicos da Ilha de Edição da Faculdade de Comunicação. O Colegiado de Graduação optou então pela entrega posterior das cópias em vídeo para arquivo da Universidade.

A versão em vídeo traz as músicas e as fotografias dispostas nas sequências em que foram apresentadas à banca. Utiliza, porém, o recurso do *fade* na troca das imagens, em lugar da fusão, característica do audiovisual. Teve, por isso, alterada a sincronia nessa versão em VHS, que funcionará como um registro para a Universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1 - Fotografia:

1.1 - História da Fotografia:

- BENJAMIN, Walter. *Pequena História da Fotografia*. In: Obras Escolhidas - V.1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 91-107.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo, Ática, 1989.
- OLSZEWSKI F., Sofia. A Fotografia e o Negro na Cidade do Salvador: 1840-1914. Salvador, EGBA/F.C.Bahia, 1989

1.2 - Princípios Teóricos:

- BARTHES, Roland. *A Mensagem Fotográfica*. In: LIMA, Luis Costa (org.). Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- _____. A Câmara Clara. 2ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica*. In: Obras Escolhidas - V.1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. p.165-196.
- BRILL, Alice. *A Função da Fotografia na Arte Contemporânea*. In: Da Arte e da Linguagem. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- SONTAG, Susan. Ensaio Sobre Fotografia. 2ed. Rio de Janeiro, Arbor, 1983.

1.3 - Técnica: Câmara, Iluminação, Luz, Laboratório, Edição, Exposição:

- BUSSELLE, Michael. Tudo Sobre Fotografia. 2ed. Tradução de Vera Tarcha. São Paulo, Pioneira, 1979.
- FLEURET, George. Tudo Sobre Focalização. São Paulo, Iris, s/d.(Série Fundamentos, 1).
- REYNOLDS, Clyde. Guia Prático dos Filtros. Tradução de Maria Eugênia Penteado. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

2 - Cultura Popular:

- AMARAL, Amadeu. Tradições Populares. São Paulo, HUCITEC/Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976.
- BARROS, Souza. Arte, Folclore, Subdesenvolvimento. 2ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- BELTRÃO, L. Comunicação e Folclore. São Paulo, Melhoramentos, 1971.
- BOSI, Ecléa. Cultura de Massa e Cultura Popular. 7ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1989.
- VALLE, Edênio e QUEIROZ, José J.. A Cultura do Povo. São Paulo, Cortez e Moraes/EDUC, 1979.

3 - Religiosidade:

- BASTIDE, Roger. *Os Problemas do Sincretismo Religioso*. In: As Religiões Africanas no Brasil. 2º Vol. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.

- BRAGA, Júlio Santana. Sociedade Protetora dos Desvalidos. Uma Irmandade de Cor. Salvador, Edições Ianamã, 1987.
- CARNEIRO, Edson. Religiões Negras. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.
- _____. Candomblé da Bahia. 6ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- PEIXOTO, Afrânio. Breviário da Bahia. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1980.
- “ROTEIRO Turístico da Cidade do Salvador”. In: Revista da Quinta Convenção Nacional do Comércio Lojista. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1964.
- SCARANO, Julita. Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1975.

4 - Irmandade da Boa Morte:

- COSTA, Alzira. “A Força do Turismo Cultural em Cachoeira”. In: Jornal A Tarde. Salvador, 14.ago.1996. p. 03 (Caderno Turismo)
- “DANDO Vida à Boa Morte”. In: Jornal A Tarde. Salvador, 04.ago.1996. p. 08 (Caderno Lazer e Informação)
- “IRMANDADE da Boa Morte Mantém Festa Tradicional” (Cachoeira - da Sucursal do Recôncavo). In: Jornal A Tarde. Salvador, 16 ago 1991. p.03 (Caderno Municípios).
- LODY, Raul. Devoção e Culto a Nossa Senhora da Boa Morte. Rio de Janeiro, Altiva Gráfica e Editora Ltda., 1981.
- NASCIMENTO, Luiz Cláudio e ISIDORO, Cristiana. A Boa morte em Cachoeira. Cachoeira, CEPASC, 1988.
- SAMPAIO, João. “Uma Tradição que se Mantém Apesar de Tudo”. In: Bahia Hoje Salvador, 23 ago 1994. p. 01 (Caderno Cidades da Bahia).

OUTRAS FONTES

Vídeos:

- EU VI Boa Morte Sorrir. Direção e Roteiro: Ângela Machado. Realização: TVE Bahia, agosto/1996.
- FESTA da Boa Morte. Direção: Marcelo Fonseca e Raimundo Chagas. Realização: Centro de TV - IRDEB.
- LA IMAGEN En Movimiento. Direção: Augustin G. Matilla. Realização: Centro de Diseño y Produccion de Medios Audiovisuales.
- O NEGRO na Igreja Católica. Documentário baseado no trabalho de campo de Guilherme dos Santos Barbosa. Realização: CABE PEC/São Paulo, 1991.
- O NEGRO no Brasil. Realização: Geraes Vídeo.
- O POVO Brasileiro. Baseado na obra de Darcy Ribeiro. Realização: Rede Cultura, 1995.
- OS NEGROS Querem Falar. Direção: Hélio C. da Silva. Realização: SSV Videocomunicação.

ANEXOS

FICHA TÉCNICA

Argumento, Produção e Direção: Liz Nunes
Professor Orientador: Oldemar Vítor

Fotografias: Liz Nunes
Pesquisa Musical: Robinson Roberto
Músicas:

“Kaval Sviri”, Le Mystère des Voix Bulgares
“Mein Gott, Warum Hast du Mich Verlassen?”, op 78 nº 3, Mendelssohn
“Kyrie”, experiências de estúdio sobre um chamado à oração. Regente:
Owain Arwer Hughes
“African Sanctus”, Música composta sobre música africana de dança
Bwala dos guerreiros Acholi. Regente: Owain Arwer Hughes

Roteiro de Edição: José Mamede
Montagem: Lúcio Mendes
Assist. de Produção: Dida Borges
Pesquisa: João Sampaio
Juce Machado

Equipe de Vídeo:
Câmara: Paulo Silva
Edição: Selma Barbosa

Equipe de Apoio: E. Jacob, Marivaldo dos Reis e Paquito
Colaboraram ainda com este projeto Albino Rubim, André Schaer, Evandro Botti, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Gustavo Loula, Irmandade da Boa Morte, Maira, Marcos Sampaio, Maurício Pedrão, Renatinho, Sérgio Brito, Shirley Stolze, Tatá e Vera Lúcia.

ESTRUTURA DO AUDIOVISUAL

1 - Formato:

Projetores Kodak Ektagraphic III E sincronizados através do SK 3X.

2 - Duração:

Seis minutos.